

Do surgimento do fisiculturismo clássico à obsessão pelos filtros de internet, jovens enfrentam ansiedade e recorrem a esteroides para alcançar padrões irreais

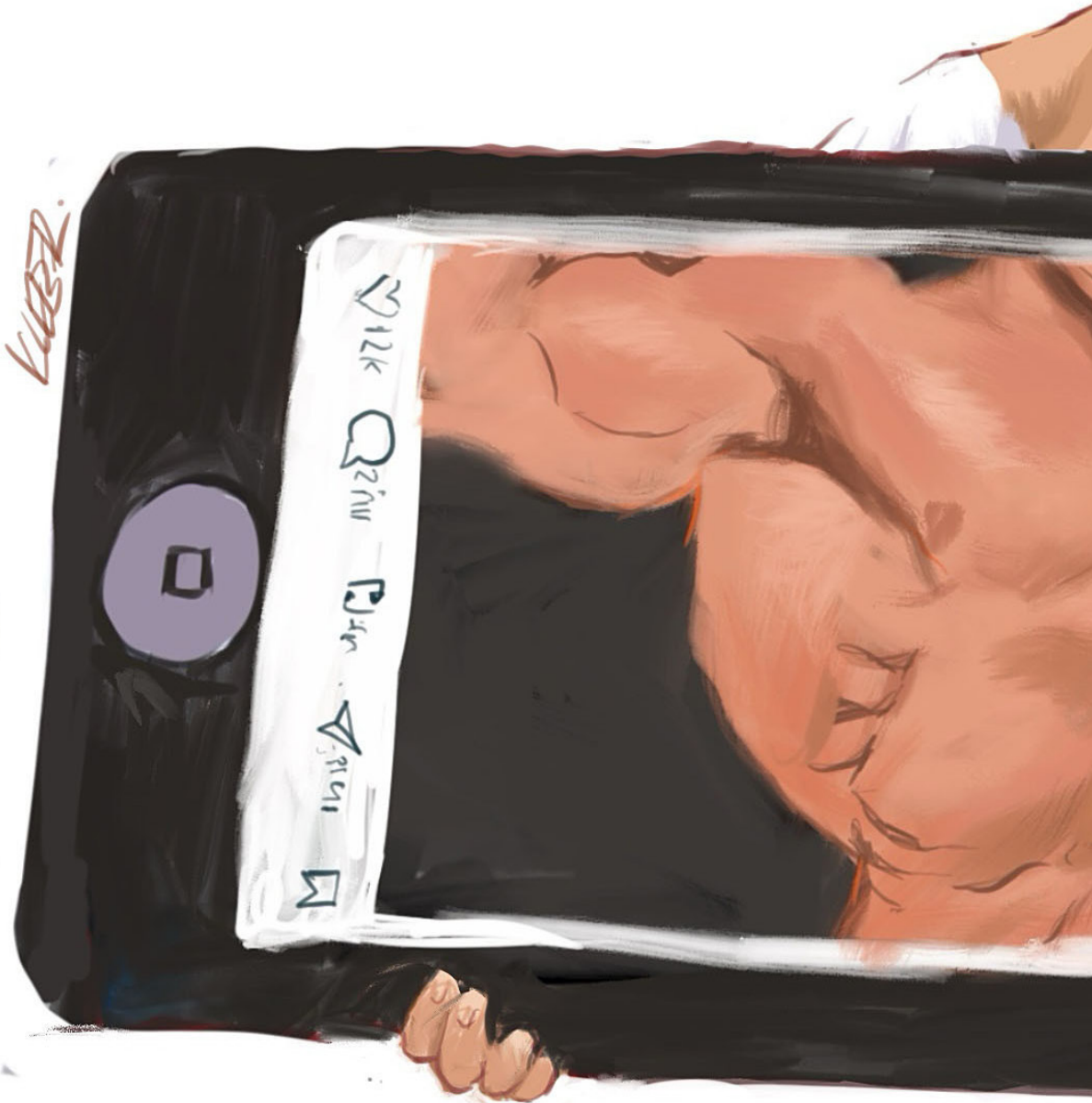
POR EDUARDO FERNANDES

O preço pelo “shape inexplicável” tem cobrado de jovens um padrão quase inalcançável. Impulsionado pelas redes sociais, as academias modernas vivem, hoje, uma enorme pressão estética para que os recém-chegados nesse espaço tenham corpos milimetricamente esculpidos. E o fisiculturismo, esporte que historicamente lapidou atletas na base da disciplina e da genética, agora serve de moldura para uma epidemia silenciosa: o uso indiscriminado e precoce de hormônios e esteroides anabolizantes.

De acordo com a Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM), de 1996 até 2024, houve um crescimento de 39% no uso de anabolizantes entre os estudantes do nível fundamental, 67% entre os primeiros anos do ensino médio e 84% entre os do último ano do ensino médio. Essa estimativa mostra, ainda, que um em cada 16 alunos já utilizou anabolizantes. No século passado, nomes como Ronnie Coleman e Arnold Schwarzenegger encantaram um mundo que celebrava os limites da força e do potencial humano.

Na maior competição do fisiculturismo, o Mr.Olympia, as poses bem elaboradas e o caminho até o êxito corporal traziam a ideia de que, com esforço, dedicação e treino, é possível alcançar o lugar mais alto do universo bodybuilder. Hoje, inclusive, o atual campeão do torneio é o brasileiro Ramon Dino, o primeiro do país a vencer o campeonato. Contudo, a máxima de um esporte que nasceu com uma premissa tão relevante, vê-se agora lutando para não normalizar ou banalizar um assunto que, se antes era pouco debatido, hoje faz muito barulho.

E isso, sobretudo, entre aqueles que nem sequer vivem rotinas de atletas, muito pelo contrário, querem resultados imediatos somente para fins estéticos. O psicólogo esportivo e neurocientista Miguel Avellar explica que as plataformas digitais fundiram o conceito de “corpo ideal” com o de “corpo padrão”. O resultado é uma insatisfação crônica. “As redes sociais têm um papel central. Um jovem pode ter um shape saudável e musculoso, mas por não ter o físico de um fisiculturista, carrega consigo uma sensação de insuficiência”, afirma o profissional.



O culto ao corpo irreal